



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL¹

Autor: Ivo José Paes e Silva (1); Orientadora: Fernanda Suely Barata (2)

(1) Especializando em Docência para a Educação Profissional; (2) Pedagoga.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará Campus Belém; ivo.paes@ifpa.edu.br.

Resumo

Refletir sobre o trabalho pedagógico da avaliação que muitas vezes limita e inibe o pensar; assim como, afasta do fazer e distancia a teoria da prática. Apesar das mudanças e avanços na contemporaneidade, percebe-se ainda, não serem suficientes para construir a democracia, justiça e bem-estar social. Pois afinal quando olhamos a concepção de avaliação que as escolas apresentam através de seu Projeto Político-Pedagógico, percebemos que a construção da cidadania proposta aos educandos (como exemplo) ainda permanece apenas no papel. Propõe-se então, que a partir da capacitação no manuseio e domínio das ferramentas avaliativas para a construção de uma aprendizagem mediadora, tão necessária e já tão presente no dia-a-dia, o professor criará possibilidades para a produção de conhecimento, socialização e desmistificação da relação dialógica professor-aluno, da qual irá se refletir uma ação de estímulo e superação, além da produção do saber enriquecido e participativo dos diferentes pensamentos advindos desse processo.

Palavras-Chave: Avaliação. Prática pedagógica. Aprendizagem.

Introdução: Avaliação mediadora e suas possibilidades de efetivação enquanto prática pedagógica.

Inicialmente é importante definirmos o conceito de avaliação, segundo Veiga (2013, p.161) “[...] avaliar é efetivar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento constante dos educadores, que levará o aluno a novas questões. [...]”. Como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem e que está ligada a forma de organização do trabalho pedagógico, o processo avaliativo vem sofrendo modificações, buscando romper com o modelo tradicional de avaliação passado e repassado a gerações, com o intuito de construir uma educação democrática e transformadora.

Como afirma Veiga (2013) romper com a organização de trabalho pedagógico que cinde o pensar do fazer, a teoria da prática, que fragmenta, que exerce o controle hierárquico, exige antes de mais nada, criar condições para que as mudanças possam ocorrer. Mas não só o método avaliativo que passa por mudanças, a sociedade toda embalada pela tecnologia passa constantemente por transformações.

¹ Trabalho acadêmico desenvolvido na disciplina Avaliação da Aprendizagem na Educação Profissional, ministrada pela Professora Msc. Fernanda Suely Barata.



Desafios pedagógicos da sociedade contemporânea

É indubitável a afirmação que a evolução tecnológica desencadeou uma mudança profunda

na sociedade (Baumann, 2001), tal mudança se refletiu em todas as esferas que a compõem, e na educação não foi diferente. Hoje a necessidade de acompanhar tal evolução é precípua: ou mudamos ou a perdemos. A ontologia das tecnologias no meio escolar é um reflexo dessa transformação.

Segundo Almeida (1998), esta transformação implica em novas ideias de conhecimento e aprendizagem, da função da escola, do professor e do aluno. Hoje a tecnologia abre espaços para os educadores assumirem o papel como interlocutores da produção dos conhecimentos que se apresenta através de grande variedade de material tecnológico voltado ao ensino-aprendizagem. Interlocutores de uma multiplicidade de relações, sejam elas, orais, textuais, escritas, visuais e audiovisuais. Filatro *et al* (2015) destacam:

“[...] não bastasse a complexidade inerente à comunicação humana real, direta e síncrona entre quem aprende e quem ensina, compete a nós o desafio de simular esse diálogo didático utilizando recursos multi, hiper e transmídia, sem perder de vista, contudo, que todos os efeitos, os esforços, as inovações têm propósito fundamental de apoiar a aprendizagem.” (FILATRO *et al*, 2015, p.83)

Desta forma, com o uso da tecnologia pode-se construir uma nova versão das relações entre conhecimento, informação, poder, circulação e acesso, antes separados, mas agora devido à crescente evolução e utilização de novas tecnologias podem provocar uma mudança na sociedade, baseados na informação e conhecimento.

Informação e conhecimento, teoria e prática, conectadas e potencializadas, onde a teoria modifica-se constantemente com a experiência prática, que por sua vez modifica-se constantemente com a teoria (aprender-aprendendo), entendida aqui como práxis.

De qual práxis estamos falando?

A palavra práxis é utilizada em vários campos de conhecimento e detêm significados que remetem a uma atividade orientada em busca de um resultado ou a transformação material da realidade. Para Karl Marx (1845), práxis remete para os instrumentos em ação que determinam a transformação das estruturas sociais. Paulo Freire (1997) perscruta o conceito de práxis para a pedagógico, como sendo a capacidade de atuar e refletir. Então, "a práxis condensa a ontologia do homem, pois a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência humana é um feito humano" (SAVIANI, 2007, p. 154).

Hoje, na contemporaneidade, o universo pedagógico para ser transformador precisa ganhar alguns sufixos, o ensino precisa ser componente, a aprendizagem ser ativa, o professor criativo, a



Criatividade explorada, o aluno protagonista, a educação construtiva e a avaliação mediada. Então, o professor tem a responsabilidade de contribuir para a formação desses novos cidadãos da contemporaneidade, valendo-se da criatividade para dinamizar as suas aulas e fazer com que a educação seja vista como um componente da vida e do progresso do mundo (ALENCAR, 2000, p. 92). Para assim todo o processo que envolve a avaliação seja com o objetivo de incluir o estudante na compreensão de mundo a partir dos conceitos repassados, não o contrário.

Avaliação da aprendizagem enquanto fator de exclusão

Segundo Libâneo (2015) avaliação é

“[...] um termo geral que diz respeito a um conjunto de ações voltadas para o estudo sistemático de um fenômeno, uma situação, um processo, uma pessoa, visando a emitir um juízo valorativo. Considera-se, em geral, que os processos de avaliação implicam a coleta de dados (de informação), a análise e uma apreciação (juízo) valorativa com base em critérios prévios, tendo em vista a tomada de decisões para novas ações. [...]” (LIBÂNEO, 2015, p.197)

Mas apesar da busca por mudanças, tanto políticas quanto administrativas voltadas para a democratização do processo educacional, as práticas de avaliação têm continuado conservadoras, restritas à “apenas contar” os erros e acertos produzidos pelos alunos. A concepção de/ para a avaliação tradicional deixou, ou deverá deixar de ser a única análise para compreender a aprendizagem do aluno. Tal avaliação que reproduz práticas de classificação (o bom e o mau aluno) (MASETTO, 2015, P. 171), que não estimula a criatividade nem o protagonismo (reprodutivismo e reducionismo) e se detém apenas a transmissão de informações e não a construção do conhecimento, não se concebe mais.

É preciso mudar essa perspectiva, e começar a enxergar a aprendizagem do aluno por outro prisma, claro que é uma tarefa complexa que exige não só olhar para os resultados obtidos nas provas, mas principalmente para os processos utilizados nas situações-problema, onde o que estará sendo avaliado é o processo todo não só o aluno (MASETTO, 2015, P. 168).

Todo o processo que envolve a prática avaliativa precisa ser repensada, afinal o que se procura é a permanência do aluno, uma gestão democrática, professores dialógicos e principalmente um ensino de “caráter sistemático, intencional e flexível” (VEIGA, 2013, p. 160). Para isso exige a compreensão da realidade e do espaço social vivido pelos alunos, para que possa haver a apropriação dos conhecimentos aos estudantes, a compreensão dos conteúdos repassados, de forma



Desafios teóricos de uma prática pedagógica: a contribuição para a formação integral do educando e possibilite sua participação na sociedade com direito à cidadania” (VEIGA, 2013, p. 168).

Há a necessidade de a avaliação deixar de ser algo excludente e passar a ser democrática “deve favorecer o desenvolvimento da capacidade do aluno de apropriar-se de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos produzidos historicamente e deve ser resultante de um processo de avaliação diagnóstica” (VEIGA *apud* Veiga, 1995, p. 32).

Conclusão: Possibilidades

A qualificação de educadores, no uso e domínio de instrumentos e técnicas, para a construção de uma avaliação mediadora (HOFFMANN, 2014, p. 183), tão necessária e já tão presente no dia-a-dia, cria possibilidades para a produção de conhecimento, socialização e a desmistificação da relação dialógica professor-aluno, da qual irá se refletir uma ação de estímulo e superação, além da produção do saber enriquecido e participativo dos diferentes pensamentos advindos dos alunos. Essa capacitação trará a prática de seus usos para uma avaliação mediadora no ensino-aprendizagem.

Seguindo a lógica do aprendizado que capacita e ajuda a desenvolver a criatividade do professor, que então transforma a educação, protagoniza o aluno, ativa a aprendizagem, faz do ensino um componente de vida e produz uma educação construtiva, em outras palavras transforma a realidade de acordo com o intento delineado pelo próprio sujeito.

Entre os objetivos da avaliação mediadora está a de criar habilidades de integração entre ensino-aprendizagem, para desenvolver a produção acadêmica e o uso através de conceitos e técnicas, a fim de propor soluções criativas e participativas para demandas educacionais, culturais e outras, propostas por educadores com a finalidade de atender os estudantes e suas necessidades.

Pesquisar, analisar, produzir, refletir, aprimorar, partilhar e expandir o conhecimento na área do ensino-aprendizagem. Conceber modelos avaliativos e definir seus parâmetros, afim de obter uma produção pedagógica possível e acessível, é o que se espera dos educadores. Contudo, sabemos que “[...] o processo de aprendizagem é ascensional e contínuo, mas sabe-se que não se percorre tal caminho sem dificuldades, sem idas e vindas, e sim com muitos erros e correções, às vezes com certa lentidão ou de forma muito rápida [...]” (MASSETO, 2015, p.169).

Portanto é necessário um começo, que os educadores que ajudem a implementar o ensino-aprendizagem sob esta nova perspectiva, sejam os precursores de um novo momento. E assim, a práxis, entendida como ação (objetividade) e reflexão (subjetividade), seja o componente ativo daqueles que buscam mudanças para promover a capacidade do sujeito em transformar a realidade ,



na qual, a escola possa desenvolver sua “função político-pedagógica primordial [...] a formação de cidadãos [...]” (VEIGA, 2013, 156).

Referências bibliográficas

ALENCAR, E. M. L. S. de. O perfil do professor facilitador e do professor inibidor da criatividade segundo estudantes de pós-graduação. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 84-94, jan. 2000.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. **Informática na Escola: da atuação à formação de professores**. Net. Artigos selecionados sobre Informática e Educação. 1998. Disponível em: <http://www.divertire.com.br/>.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo-SP: Zahar, 2001.

FILATRO, Andrea. CAIRO, Sabrina. **Produção de Conteúdos Educacionais**. São Paulo: Saraiva, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo-SP: Terra e Paz, 1997.

HOFFMANN, Jussara, **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 33 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LIBÂNEO, José. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. 6 ed. São Paulo: Heccus Editora, 2015.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. 1845. Disponível em: <http://www.marxists.org>. Acesso em 01 mar. 2017.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor universitário/ Marcos Tarciso Masetto**. – 3. Ed. – São Paulo: Summus, 2015.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos**. **Revista Brasileira da Educação**. Minas Gerais, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan/abr. 2007.

VEIGA, Ilma P.A. **Ensino e avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico**. In: Didática: O ensino e suas relações. Campinas, Papirus, 2013.